



Este artigo está licenciado sob uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Você tem direito de:

Compartilhar — copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato.

Adaptar — remixar, transformar, e criar a partir do material para qualquer fim, mesmo que comercial.

De acordo com os termos seguintes:

Atribuição — Você deve dar o **crédito apropriado**, prover um link para a licença e **indicar se mudanças foram feitas**. Você deve fazê-lo em qualquer circunstância razoável, mas de maneira alguma que sugira ao licenciante a apoiar você ou o seu uso.

Sem restrições adicionais — Você não pode aplicar termos jurídicos ou medidas de caráter tecnológico que restrinjam legalmente outros de fazerem algo que a licença permita.



This article is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 Unported International.

You are free to:

Share — copy and redistribute the material in any medium or format.

Adapt — remix, transform, and build upon the material for any purpose, even commercially.

Under the following terms:

Attribution — You must give **appropriate credit**, provide a link to the license, and **indicate if changes were made**. You may do so in any reasonable manner, but not in any way that suggests the licensor endorses you or your use.

No additional restrictions — You may not apply legal terms or technological measures that legally restrict others from doing anything the license permits.

Camaradas, agora é oficial: acabou o socialismo

Paulo Roberto de Almeida*

A última e definitiva “pá de terra” no caixão do socialismo?

O que aparentemente se apresentou como uma simples medida burocrática de tipo regulatório – o anúncio realizado no dia 6 de junho de 2002 pelo Departamento do Comércio dos Estados Unidos, secundado em telefonema dado no mesmo dia pelo Presidente George W. Bush a seu contraparte da Rússia, Vladimir Putin, tendente a confirmar o *status* de “economia de mercado” doravante atribuído ao país formado a partir do ex-sistema socialista soviético – constitui, na verdade, uma mudança de caráter histórico e fundamental nas relações internacionais contemporâneas. A partir dessa data, terminou, de fato e oficialmente, o regime econômico socialista na face do planeta.

Os ainda partidários ou simplesmente saudosistas de uma economia de comando centralizado, do tipo que existia na ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e na China há cerca de duas décadas, poderão, finalmente, derramar uma lágrima de crocodilo pela morte, quase sem comemorações, de um regime que, em seus tempos áureos, cobria dois terços das terras emergidas e igual proporção de seres vivos. A geração pós-Segunda Guerra deve ainda lembrar-se que o socialismo se apresentava então como o sucessor natural do capitalismo enquanto organização social de produção e que, em 1959, sob a liderança do ex-primeiro ministro soviético Nikita Krushev, ele prometia enterrar o próprio capitalismo.

Ainda que sem grandes anuncios e funerais, o socialismo, para todos os efeitos práticos, acaba de morrer, sem discurso e sem coroa. Se fosse o caso de escolher algum epitáfio tumular, ele poderia levar a seguinte inscrição, para deleite de alguns e o ódio incontido de vários outros: “Camaradas: o capital venceu”.

De fato, o capital, esse instrumento da exploração do homem pelo homem, submetido, há um século e meio, ao bisturi intelectual

* Paulo Roberto de Almeida (www.pralmeida.org; pralmeida@mac.com) é doutor em ciências sociais pela Universidade de Bruxelas e mestre em planejamento econômico. É diplomata de carreira desde 1977. As opiniões expressas no presente texto são exclusivamente as de seu autor.

MERIDIANO
47
O

ISSN 1518-1219

Boletim de Análise de
Conjuntura em Relações
Internacionais

Nº 25
Agosto – 2002



INSTITUTO BRASILEIRO DE
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

CAMARADAS, AGORA É OFICIAL:
ACABOU O SOCIALISMO
PAULO ROBERTO DE ALMEIDA

EL CONSENSO DE WASHINGTON
RAÚL BERNAL-MEZA

MUROS SOBRE AS VERDADES
CRISTINA SOREANU PECEQUILO

A NOVA DOUTRINA NUCLEAR
AMERICANA E O TNP
JOÃO FÁBIO BERTONHA

DESESTRUTURAÇÃO DE UMA NAÇÃO:
COLÔMBIA
VIRGÍLIO CAIXETA ARRAES

O SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL E OS
CONFLITOS ENTRE TRATADOS
INTERNACIONAIS E LEIS INTERNAS
VALERIO DE OLIVEIRA MAZZUOLI

A VEZ DA DINAMARCA
MÁRCIO C. COIMBRA

Desestruturação de uma nação: Colômbia

Virgílio Caixeta Arraes*

A implantação retumbante do neoliberalismo na América Latina consolidou-lhe definitivamente o status de região periférica dentro do capitalismo, visto que seu “último bastião” em termos sociais – a Argentina – partilha agora da mesma situação que os demais países. Todavia, o lado mais cruento do continente situa-se na Colômbia, país marcado por conflitos civis desde o século XIX, em que há um impasse na disputa pelo poder no país, que não passa mais pelas vias eleitorais apenas, com a inclusão de forças políticas que há tempos se inclinam pelo uso desmedido da violência e alianças com organizações criminosas.

Há quase 40 anos, grupos de inspiração esquerdista – como as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia e o Exército de Libertação Nacional, entidades vistas como terroristas pelo governo americano –, baseados no exemplo do êxito inicial de Cuba, disputam o controle do país com as forças tradicionais – Partido Liberal e o Conservador – que se somam, politicamente, a dissidências partidárias e grupos paramilitares, institucionalizados na AUC – Forças Unidas de Autodefesa da Colômbia – também considerada terrorista pelo governo americano e recentemente dissolvida, ao menos formalmente –, cujo líder, Salvador Mancuso, felicitou a eleição do novo Presidente, Álvaro Uribe.

Talvez, o conflito chamasse menos a atenção do mundo, se não envolvesse um dos mais lucrativos negócios do fim do século XX e início do XXI: o narcotráfico, que estabelece padrões paralelos de poder, mas, de toda forma, imbricados na estrutura “oficial” do Estado, seja por coação, coligação ou complacência dos entes administrativos. Dentro dessa

estrutura, a Colômbia encontra-se como o maior produtor de cocaína do mundo. Consoante a revista *Business 2.0 – The technology secrets of cocaine inc.*, em www.business2.com/articles/mag/0,1640,41206,FF.html –, a forma de atuação do narcotráfico já não se baliza mais pela improvisação, contando com um grau de profissionalização impressionante, com o uso de satélites, submarinos, centrais de computadores e armas sofisticadas para garantir a condução dos negócios.

Essa guerra civil custou ao país dezenas de milhares de mortes, migrações intrafronteiras, fuga para o exterior de quadros qualificados, retração dos investimentos internacionais, estagnação econômica – o país cresceu percentualmente, nos anos 90, a metade dos 70 –, concentração de renda – do início dos anos 90 para seu final, 10% dos mais ricos passaram a ganhar de 52 vezes mais para 78 em relação aos 10% mais pobres –, aumento do desemprego que se situa na faixa dos 20%, queda da renda per capita, que, de 2001 em relação a 1996, equivale a pouco mais de 80%, e o empobrecimento da população – 60% dos habitantes situa-se entre a pobreza e a miséria. Em função da instabilidade política, a economia tem de amparar-se em produtos agrominerais como petróleo, café, banana, entre outros. Segundo relatório do governo americano, divulgado em maio deste ano, 85% dos atentados – 191 ações – contra propriedades de empresas do país no exterior situaram-se na Colômbia no ano passado. O Brasil, por exemplo, mantém apenas uma empresa lá: a Braspetro, subsidiária da PETROBRAS, que explora mais de uma dezena de campos petrolíferos, em parceria com outras firmas.

* Mestre e doutorando em História das Relações Internacionais pela Universidade de Brasília (UnB) e professor do Departamento de Relações Internacionais da mesma universidade.

O atual Presidente, Andrés Pastrana, surpreendeu, na outra campanha presidencial, ao propor a negociação com a guerrilha, inclusive desmilitarizando parte do país – mais de 40 mil quilômetros quadrados, ao sul. Externamente, no entanto, tal atitude pôde ser vista como forma de ganhar tempo para retomar o apoio político e financeiro dos Estados Unidos, que haviam se afastado do seu antecessor, Ernesto Samper, acusado de ter sido financiado eleitoralmente pelo narcotráfico. Internamente, reforçou a atuação dos grupos paramilitares, por causa da retirada das forças armadas de parte do país.

Todavia, decorridos mais de 3 anos, o governo atual acusou a guerrilha de não ter respeitado os termos do acordo e encerrou a negociação, passando para a ação militar, com a destruição de campos de pouso e estradas. No pleito presidencial, o fim do diálogo para a paz pôde ser encarado como uma tentativa de esvaziar a candidatura de Uribe, que teria o discurso de endurecimento enfraquecido, em face da mudança de rota do governo.

Como se viu, a tentativa não retirou a vitória esmagadora de Uribe, que pode ser interpretada como uma preparação para as ações posteriores do vencedor, visto que o governo colocou para a opinião pública que o empenho diplomático naufragara por causa do lado da guerrilha. Durante o período, o país ganhou a certificação dos Estados Unidos de combate ao narcotráfico e a ajuda financeira retornou, tornando o país um dos maiores captadores de recursos dos EUA – quase 2 bilhões de dólares.

Álvaro Uribe venceu o pleito presidencial no primeiro turno, com 53% dos votos, que foi marcado por uma abstenção de 54%, ou seja, o futuro ocupante

da Presidência teve apenas ¼ dos votos, o que demonstra forte crise de legitimidade do sistema democrático do país. Durante sua campanha, a Embaixadora americana, Anne Paterson, e o Subsecretário de Assuntos Andinos, Philip Chicola, reuniram-se a portas fechadas em seu comitê eleitoral e, após o encontro, permitiram-se fotografar e conceder entrevista ao seu lado.

Uribe liga-se aos setores mais conservadores da Colômbia, alinhando-se ideologicamente ao

“Uribe liga-se aos setores mais conservadores da Colômbia, alinhando-se ideologicamente ao pensamento do atual governo norte-americano, que opta, principalmente após o atentado de 11 de setembro de 2001, pelo uso da força em detrimento da diplomacia.”

pensamento do atual governo norte-americano, que opta, principalmente após o atentado de 11 de setembro de 2001, pelo uso da força em detrimento da diplomacia. Filho de um latifundiário, que teria sido assassinado pelas FARC em 1983, advogado, com especialização em administração por Harvard, Uribe foi Prefeito biônico de Medellín, 1982, Senador, 1986-94, e Governador de Antioquia, 1995-97.

Sua carreira política é extremamente polêmica, com acusações de relacionamento com setores do narcotráfico e dos paramilitares. Segundo o jornalista

Joseph Contreras, Redator-Chefe em Miami da revista *Newsweek*, em biografia não autorizada, Uribe, quando Prefeito de Medellín, teria tido vínculos com Pablo Escobar, líder do cartel de Medellín, que o teria ajudado na construção de casas populares. Para Contreras, o assassinio do pai de Uribe teria sido em decorrência de desavenças com Fábio Ochoa, também do cartel de Medellín. O livro acusa o Presidente de ter relacionamento com dois generais simpatizantes das AUC, que foram afastados dos comandos por Pastrana. Segundo o jornal *Folha de São Paulo*, em 24/5/02, o tráfico seria a principal fonte de financiamento dessa instituição. Uribe nega todas as acusações.

Uribe, a ser empossado em agosto, sinaliza que o relacionamento com a guerrilha priorizará a força em detrimento do diálogo. Desta forma, pretende aumentar o efetivo das forças armadas de 60 para 100 mil profissionais, o que retirará mais verbas dos serviços sociais, já encolhidos na gestão de Pastrana; estabelecer uma rede de vigilância privada, que congregaria cerca de 1 milhão de homens – quando Governador de Antioquia, ele autorizou o funcionamento de cooperativas particulares de segurança, com controle discutível do governo sobre sua atuação; criar uma espécie de imposto de guerra; restabelecer no ordenamento jurídico do país a volta do estado de sítio, abolido em 1991, e intensificar as

ações militares, visto que o governo americano deverá manter ou mesmo ampliar o apoio financeiro para medidas como esta.

Para Sérgio Uribe, da Junta Internacional de Fiscalização de Entorpecentes da Organização das Nações Unidas, o combate ao tráfico envolveria ações simultâneas e coordenadas, de forma que se abarcasse desde a erradicação do cultivo até o impedimento da legalização dos recursos financeiros, via instituições bancárias. Sem isso, toda política formulada será sempre parcial e efêmera, portanto, incapaz de resultados efetivos. Desta forma, nem o Estado mínimo almejado pelo neoliberalismo que garantiria a lei e a ordem subsistiria.



Assine a Revista Brasileira de Política Internacional – RBPI

Assinatura Anual (2 Edições)

Brasil: R\$ 30,00

Exterior: US\$ 30,00

Envie o cupom de assinatura e a forma de pagamento escolhida (cheque ou cópia de depósito bancário) para:

Instituto Brasileiro de Relações Internacionais – IBRI

Caixa Postal 4400 – 70919-970 – Brasília-DF – Brasil – Telefax: (55 61) 307 1655

E-mail: ibri@unb.br <http://www.ibri-rbpi.org.br>

Cupom de Assinatura:

Nome: _____

Instituição: _____

CPF: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ CEP: _____ Cidade: _____ UF: _____

Tel.: () _____ Fax.: () _____

País: _____ E-mail: _____

Período de assinatura: () 1 ano () 2 anos () 3 anos () 4 anos () 5 anos

Envie junto com este cupom depósito bancário no valor da(s) assinatura(s) em favor do **IBRI – Instituto Brasileiro de Relações Internacionais**, efetuado na conta 437552-1, agência 3603-X, Banco do Brasil.